

2015

InFover

InfoVer – Informativo sobre o Mercado de Leite de Vaca do Campo
Uma publicação do DCECO- UFSJ

Ano VIII Nº 76 – Maio de 2015

Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ
Campus Santo Antônio
Praça Frei Orlando, nº 170 – Centro
São João del-Rei – Minas Gerais – CEP: 36307-904
Tel.: +55 32 3379-2300
www.ufsj.edu.br
Departamento de Ciências Econômicas – DCECO
Tel.: +55 32 3379-2537 – E-mail: infover@ufsj.edu.br
Coord.: Prof. Norberto Martins Vieira
Técnico Administrativo: Paulo Afonso Palumbo
Mestrando PUCRS: Alexandre Rodrigues Loures
Acadêmicos UFSJ: Gabrielle Alves Pansanato
Mariana Carolina da Silva
Pedro Henrique Souza Nadú

São João del-Rei, maio de 2015



Termos de troca milho, soja e leite

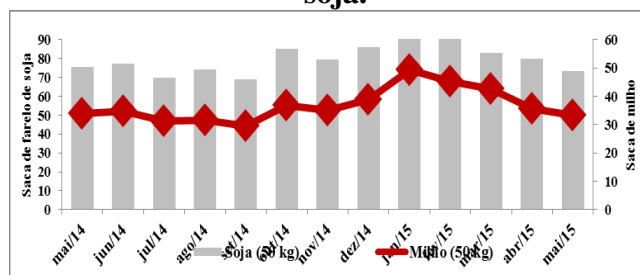
Os preços dos insumos pesquisados pelo DCECO (Departamento de Ciências Econômicas), em maio de 2015, comparados a abril de 2015, segundo mostra a Tabela 1, apresentaram variações.

Os produtos que obtiveram queda no preço são: farelo de trigo, com 13,03%, farelo de algodão, com 9,20%, a polpa cítrica, com 8,20%, o farelo de soja, com 5,77%, o milho com 4,08%, a ração de bezerro com 2,29% e a ração para vaca com 0,81%. O único produto que manteve seu preço estável foi o sal mineral.

Conforme se pode observar na Tabela 2 e Figura 1, no que se refere à relação de troca de soja por litros de leite, em São João del-Rei, verifica-se decréscimo de 8,36%, em maio. Isto ocorreu porque o produtor precisou de 73,39 litros de leite para adquirir uma saca de farelo de soja, enquanto que, no mês anterior, esta exigência era de 80,09 litros de leite.

Para a relação de troca entre o milho/litros de leite em São João del-Rei, também registra queda de 6,72%. Isso porque, em maio o produtor precisou trocar 33,28 litros de leite para adquirir uma saca de milho, enquanto que, em abril, esta relação era igual a 35,68 litros de leite.

Figura 1 - Litros de leite necessários para adquirir uma saca de milho ou uma saca de soja.



Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Economia).

Tabela 2 – Relação de troca milho, soja e leite, São João del-Rei

Mês	Farelo de soja		Milho	
	2015	%*	2015	%*
Jan	99,75L	16,09	49,42L	27,58
Fev	90,57L	-9,20	45,18L	-8,58
Mar	82,82L	-8,55	42,52L	-5,87
Abr	80,09L	-3,30	35,68L	-16,10
Mai	73,39L	-8,36	33,28L	-6,72
Jun				
Jul				
Ago				
Set				
Out				
Nov				
Dez				

Fonte: DCECO/NEPE – (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Economia).

Nota: *Variação em relação ao mês anterior. ** Litro

Tabela 1 – Preço médio dos insumos agrícolas em São João del-Rei, maio de 2015

Produto	Kg	R\$	Variação em relação ao mês anterior	Produto	Kg	R\$	Variação em relação ao mês anterior
Ração p/vaca	40	42,75	-0,81	Ração bezerro	40	44,85	-2,29
Sal mineral	30	58,30	0,00	Farelo soja	50	59,65	-5,77
Farelo de trigo	40	24,95	-13,03	Farelo algodão	50	41,95	-9,20
Polpa cítrica	50	31,70	-8,20	Milho	50	27,05	-4,08

Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Economia).

Manejo e adubação de canavial para alta produtividade

João Marcos de Souza Lima
Estudante de Agronomia
Pedro Goulart de Carvalho Brito
Estudante de Zootecnia

Há alguns anos o PDPL/PCEPL têm o prazer de trabalhar junto com Professor Mauro Wagner, da Universidade Federal de Alagoas, cuja parceria vem gerando, além de grande aprendizagem, o aumento da produtividade e longevidade dos canaviais de produtores assistidos pelo PDPL/PCEPL.

O grande diferencial que buscamos é a implantação adequada do canavial, adubação e manejo, visando aumentar o rendimento da lavoura, diminuir os custos de produção e elevar a produtividade da terra e da mão de obra. Diversas medidas devem ser adotadas para atingirmos esse objetivo, sendo uma delas a análise do solo com posterior correção da acidez. Esta medida deve ser cuidadosamente empregada a fim de maximizar a eficiência das adubações, especialmente a adubação fosfatada, conforme discutidos em edições anteriores deste Informativo. No momento do plantio, a recomendação de adubação tem uma atenção especial quanto a necessidade de fósforo a ser aplicado. O fósforo está relacionado com a energia das plantas, sendo muito importante no início de seu desenvolvimento, por isso é

fundamental que além de fornecê-lo, as plantas consigam absorvê-lo.

A presença de alumínio no solo prejudica a absorção de fósforo. Para minimizar esse efeito, fazemos a aplicação de calcário e gesso agrícola. A quantidade de calcário e gesso agrícola necessárias são calculadas pelo Método de Saturação por Bases. Porém as quantidades preditas analiticamente por esse método tem se mostrado insuficientes para neutralizar o alumínio trocável e elevar a saturação de bases para 60%. Com base em diversos estudos conduzidos pelo Professor Mauro Wagner, e também por outros pesquisadores de diferentes regiões do Brasil, estamos recomendando elevar para uma vez e meia a duas vezes a quantidade de calcário predita analiticamente pelo método de saturação por bases. O gesso está sendo recomendado na dosagem de um terço da quantidade de calcário. Ainda com bases nos estudos do Professor Mauro Wagner, estamos recomendando a adubação de plantio com base na expectativa de produtividade: para produções acima de 150 t/ha de forragem no ciclo de cana-planta, a adubação fosfatada deverá ser de 180 a 200 kg de P205 por hectare. Caso tenhamos aplicado gesso, deveremos usar o superfosfato triplo para diminuir o custo da adubação. A adubação potássica poderá variar de 150 a 200 kg de K20, em função da fertilidade do solo.



DCECO – Departamento de Ciências Econômicas
Praça Frei Orlando, 170 – Centro – São João del-Rei – MG – CEP: 36307-904
Tel.: +55 32 3379-2537 – E-mail: infover@ufsj.edu.br
InfoVer: Disponível em www.ufsj.edu.br/dceco



Outra possibilidade de adubação é o uso de esterco de curral ou de cama de aviário. A Cana de açúcar é uma planta que responde a adubação orgânica, aumentando significativamente a produtividade. Essa característica ajuda na atividade leiteira, pois oferece um destino para o resíduo (esterco) gerado pela atividade. Alguns produtores acreditam que a aplicação de esterco no canavial diminui a longevidade do canavial, mas estudos e acompanhamentos de canaviais na região mostram que isso não é verdade. A aplicação de 10 ton/ha/ano proporciona produtividades elevadas, garantindo a viabilidade econômica da aplicação do adubo orgânico. A cultura da cana-de-açúcar tem grande potencial produtivo de matéria natural por hectare. Como toda a cana é retirada na área para o fornecimento dos animais, os nutrientes que antes estavam no solo, que as plantas absorveram, também vão junto para o cocho. Contudo, é fundamental adotar ações em relação a adubação de cobertura com intuito de repor esses nutrientes no solo. Para cada tonelada de cana produzida são extraídos do solo 1,2 kg de Nitrogênio, 0,4 kg de Fosforo e 1,5kg de Potássio. Com objetivo de manter a produtividade do canavial é recomendado utilizar doses maiores de adubo em relação as doses anteriormente recomendadas. Um aspecto importante é que sempre o investimento com o aumento do adubo é pago pela alta produtividade do

canavial, diluindo os custos e tornando a propriedade mais eficiente no uso da terra.

No manejo esta sendo reforçado a importância de se fazer o corte da cana-de-açúcar rente ao solo, possibilitando uma rebrota mais vigorosa do canavial. A presença de plantas daninhas deve ser monitorada, e, sempre que se perceber que haverá competição, o controle deverá ser realizado. Para o controle utilizamos herbicidas seletivos e assim possibilitamos o aumento da taxa de rebrota do canavial.

Como exemplo de um caso de sucesso, o produtor Antônio Carlos Reis vem adotando esse manejo diferenciado em seus canaviais (Foto 1) e esta satisfeito com resultado.

Edição 306 . Ano XXII . Novembro de 2014 .
Viçosa - MG



Mercado da bovinocultura leiteira de São João del Rei

De acordo com a Tabela 3, que traz o resultado do levantamento feito pelo Departamento de Ciências Econômicas a respeito dos preços médios dos derivados do leite de São João del-Rei, observam-se que houve uma variação referente ao mês de maio de 2015, quando comparado a abril de 2015. Sendo que os derivativos que obtiveram variação negativa em seus preços foram: a mussarela e queijo prato com 2,60% e 0,73% respectivamente. O minas frescal obteve variação positiva de 0,62%. Enquanto o leite longa vida foi o único derivativo que não obteve variação.

Tabela 4 – Preço médio do leite Tipo C pasteurizado em São João del-Rei

Mês/Ano	R\$	Var %*
Mai/2014	2,06	0,00
Jun/2014	2,07	0,49
Jul/2014	2,07	0,00
Ago/2014	2,07	0,00
Set/2014	2,07	0,00
Out/2014	2,07	0,00
Nov/2014	2,07	0,00
Dez/2014	2,07	0,00
Jan/2015	2,08	0,48
Fev/2015	2,08	0,00
Mar/2015	2,08	0,00
Abr/2015	2,08	0,00
Mai/2015	2,08	0,00

Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Economia).

Nota: *Variação em relação ao mês anterior

Tabela 3 – Preço médio por kg dos derivados do leite e do leite longa vida (litro) de São João del-Rei

Produto	2014									2015			
	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai
Mussarela	20,90	20,90	20,90	20,86	21,50	21,55	21,50	21,55	22,15	22,85	23,15	23,10	22,50
Queijo Prato	18,70	18,75	18,75	18,70	18,95	18,90	18,80	18,90	18,90	20,45	20,45	20,50	20,35
Minas Frescal	13,40	13,40	13,44	13,56	14,65	15,00	15,10	15,45	15,45	16,80	16,75	16,25	16,35
Longa Vida	1,99	1,99	1,99	1,99	2,03	2,03	2,03	2,02	2,02	1,99	1,99	1,97	1,97

Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Economia).

Em relação ao preço líquido médio do leite pago ao produtor, segundo (Tabela 5), observaram-se alterações no mês de maio. Na média estadual, quando comparado abril de 2015, houve um acréscimo de 3,24%. Já na média nacional apresenta também aumento de 4,80%.

Na região da Zona da Mata, segundo (Tabela 5) e (Figura 3), em maio, registrou-se um aumento de 4,81% no preço pago ao produtor quando comparado a abril de 2015, registrando novo preço médio do litro de leite em R\$ 0,8380.



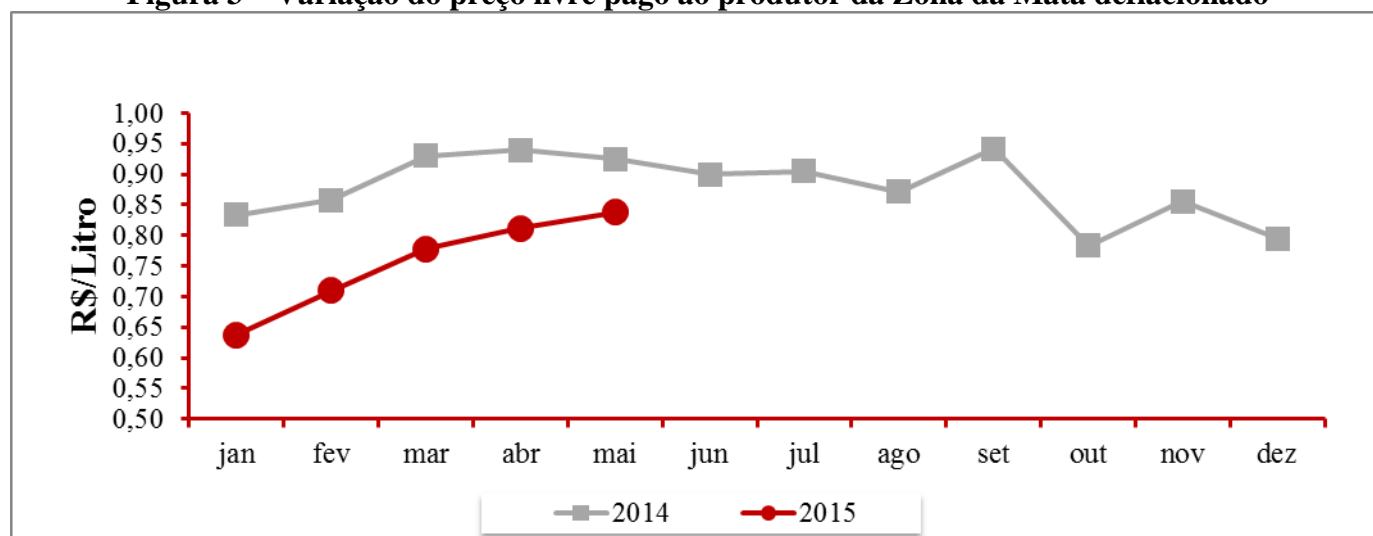
Tabela 5 – Preço líquido do litro de leite, maio de 2015

MESORREGIÃO	PREÇO LÍQUIDO MÉDIO	VARIAÇÃO EM RELAÇÃO AO MÊS ANTERIOR (%)
ZONA DA MATA	0,8380	3,24
MÉDIA ESTADUAL	0,9693	4,81
MÉDIA NACIONAL	0,9623	4,80

Fonte: Cepea (2015). Boletim do leite. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/leite/boletim/216.pdf>.

Nota: Valor deflacionado pelo IGP-DI

Figura 3 – Variação do preço livre pago ao produtor da Zona da Mata deflacionado



Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Economia

Como devem ser os corredores de piquetes rotacionados?

Luiz Felipe Garcia Costa
Estudante de Zootecnia

Na construção de Piquetes Rotacionados, o dimensionamento dos corredores é uma prática bastante negligenciada, e que pode acarretar sérios danos à produção leiteira.

É comum no momento do planejamento de Piquetes Rotacionados, principalmente pequenos produtores ou propriedades com relevo bastante

acidentado, o descaso e a redução dos corredores de acesso às áreas de descanso ou à sala de ordenha. Esta

prática ocorre com o intuito de diminuir as perdas em superfície utilizável para forragem, porém, ela pode acarretar sérios problemas zootécnicos e econômicos para a propriedade.

Corredores pequenos tem mostrado grandes problemas nos períodos chuvosos, pois, acumulam muito barro, dificultando a locomoção dos animais, além de gerar problemas no casco e contaminação das tetas das vacas, o que pode levar a queda na qualidade do leite ou até mesmo problemas de mastite severa. Outro ponto



importante é quanto a presença de pedras e de outros materiais que possam ferir os cascos dos animais.

Recomenda-se que o dimensionamento dos corredores seja compatível com o número de animais na área, ou seja, de acordo com o fluxo de animais, e com a drenagem do solo, mas em geral este deverá ser de no mínimo quatro metros para facilitar o trânsito de máquinas e deverá ter uma inclinação para valas feitas nas laterais, evitando a formação de barro. Corredores localizados próximos à sala de ordenha, onde o fluxo de animais é mais intenso, devem ser mais largos e corredores que levam a piquetes mais afastados, onde os animais passam esporadicamente, podem ser mais estreitos.

Outras estratégias seriam: o plantio de algumas forrageiras com capacidade de recobrimento do solo, pois assim podem favorecer a drenagem e também a presença de cascalhos finos em corredores abaulados como forma de proteção do solo.

Edição 306 . Ano XXII . Novembro de 2014 . Viçosa - MG

